

Resenha sobre o artigo “Memórias de mulheres sexualmente violentadas por jogadores de futebol” de Claudiana dos Santos e Neilton Falcão de Melo.

Karla Monteiro Gonçalves Gottardo (PUC – SP)

Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira / Profa. Dra. Neusa B. Vasconcelos (PUC-SP)

O estupro é um dos crimes mais recorrentes no Brasil e, mesmo assim, é pouco denunciado, não há estatísticas confiáveis e o tema ainda é considerado um tabu. Além disso, está entranhado em nossa cultura de forma tão corriqueira que não é nada raro que a vítima seja culpabilizada enquanto o criminoso nem mesmo se considere como tal. Algumas perguntas parecem não querer calar: Por que o estupro é um crime ainda tão comum no Brasil? Por que a vítima muitas vezes é tão – ou mais – julgada pela sociedade do que o próprio criminoso? Por que é tão difícil fazer uma denúncia?

O crime de Estupro é o tema central do artigo “Memórias de mulheres violentadas sexualmente por jogadores de futebol”. O texto recentemente publicado em novembro de 2024 na obra “Actio” (e memória) do Programa de Pós Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC - SP. O estudo e a pesquisa foram realizados por Claudiana dos Santos e Neilton Falcão de Melo, ambos Doutores pelo Instituto Federal de Sergipe, e professores titulares na mesma universidade.

Memória e Actio foi a abordagem escolhida para a edição desse ano pelo Coordenador do grupo ERA - grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos - professor doutor Luiz Antonio Ferreira, que já havia publicado anteriormente outros dois volumes sobre o sistema retórico: Inventio, dispositio e elocutio.

Diante do aumento da incidência do crime de estupro e da percepção da dimensão do problema e da violência contra a mulher, percebemos a importância de discutir em sociedade expondo no meio acadêmico um assunto tão amplo e complexo, visto que afeta todas as mulheres da sociedade, sem levar em conta classe social, raça, idade, localidade, religião, o que consolida a necessidade de se buscar entendê-lo a partir de uma dimensão setorial esportiva, buscando conceitos e fundamentos para amparar as práticas de combate a essa mazela social que, mesmo com amparo legal e tratamentos psicológicos deixa traumas e sequelas muitas vezes irreparáveis pelo resto da vida.

Como o escopo da edição deste ano era uma pesquisa sobre a “memória”, os autores iniciaram uma jornada memorial, retórica e discursiva decorrente do processo metalinguístico de rememoração de fatos, que foram ditos por outros, analisando, estritamente, como a memória de violência sexual, por meio de estupros, é apresentada por duas mulheres vítimas de abusos sexuais praticados por figuras públicas que estão inseridas no âmbito do futebol, especificamente, os jogadores.

Para tanto, a análise se divide em cinco partes além das referências bibliográficas. Já nas considerações iniciais apresentam essa pauta criminalística que tem sido veiculada com muita constância nas mídias sociais, nos fazendo a todos pensar sobre os valores e a

formação social de personagens ilustres que, segundo os autores, ainda não concedem o devido respeito ao sexo feminino.

Segue uma narrativa histórica e legal sobre os direitos conquistados ao longo de muitos anos pelas mulheres que ainda travam batalhas contra o preconceito, a discriminação e as violências das mais diversas formas. Com base em Bordieu (2017) a análise do texto chama a atenção para o fato da dominação masculina, visto que não há uma simetria entre as práticas e as representações dos dois sexos, não somente por questões de pontos de vista diferentes, mas também porque o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de posse. Posto que essa conduta violenta acontece de forma imprópria, sem o consentimento do outro, argumentam que de acordo com o art. 213, da Lei 12015/2009, essa prática culmina em crime de estupro.

Ao esclarecer a origem do vocábulo “estupro”, reforçam o seu sentido etimológico ao dizerem que “o estupro, é um ato violento de demarcação do patriarcado nas entranhas das mulheres e que, de acordo com a antropóloga Débora Diniz”, “o estupro ofende as mulheres, não só no corpo possuído pelo prazer e ímpeto de tortura do agressor, mas principalmente porque [...] aliena da única existência possível: a do próprio corpo”.

Para a implementação do estudo, foram selecionados quatro excertos dos discursos publicados nos sites do G1, Uol e Terra e, para as análises, foi adotada a categoria de memória na perspectiva dos retóricos latinos e de memória coletiva na perspectiva da sociologia a partir de Halbwachs (2006).

O texto/trabalho/o artigo busca responder aos seguintes questionamentos: A memória empregada nos discursos dessas mulheres está realmente ligada a uma memória coletiva? Como compreender o estupro sob a ótica de uma memória coletiva perpassada pela sublimação e pelas paixões do medo e da dor? Para alcançar tal objetivo, no desenvolvimento dessas questões foi adotada uma abordagem de cunho qualitativo, concentrando-se na identificação de comportamentos, ideias, crenças, valores e emoções que atravessam as sequências discursivas selecionadas. Além disso, foi realizado um levantamento bibliográfico de fontes precisas que auxiliaram nas definições das categorias analíticas.

Com embasamento teórico robusto, o subtópico “A memória coletiva da dominação masculina no futebol” esclarece que, modernamente, o sentido de memória foi ampliado e passou a ser uma categoria analisada por vários campos epistemológicos e, a título de exemplo, os autores fazem refletir a partir da perspectiva da Retórica, esclarecendo e confirmando a hipótese inicial de que a memória não está tão somente na memória, mas sobretudo na *Inventio*, local onde buscamos os argumentos, assim o elemento memorial não é mais individual, mas passa a ser uma memória coletiva e que isso implica dizer que para o orador construir uma argumentação em um discurso, ele precisa acessar os lugares de produção da memória desses argumentos, saber onde buscá-los. Nessa lógica, afirmam, Aristóteles defende que para argumentar o orador precisa visitar uma memória endoxa (opinião comum à maioria) para construir a sua proposição e/ou suas premissas, chegando à conclusão que, de alguma maneira, os argumentos são

herdados, e que quando recordamos alguma coisa, fazemos uso da memória, que é coletiva. Expõem também que uso da memória é um verdadeiro acervo de recursos para a elaboração do discurso e que, segundo Tringali, pode ser treinada por processos mnemônicos, e pode ser tomada como arte do convencimento do auditório, que adota a memorização do discurso.

Claudiana e Neilton traçam um paralelo entre as opiniões de autores como Cícero e Quintiliano que discordam da posição defendida pela maioria dos romanos sobre a categoria memória ser uma das partes do sistema retórico. Eles entendem que no âmbito do futebol predomina a memória coletiva de dominação masculina, recorrente e fruto de uma sociedade ainda patriarcal e sexista que demarca o ser feminino sob sua disciplina.

Dados alarmantes são apresentados pelos pesquisadores como os 822 mil casos de estupro registrados a cada ano somente no Brasil, sendo as mulheres as principais vítimas, ignoradas em sua honra, dignidade e autonomia. Exemplificam ainda que para as mulheres que estiveram na guerra, ficaram a memória da derrota e da devastação mental, visto que o símbolo da mulher forte, da amazona que luta por uma causa maior, é destruído pelas memórias reais de assédio, humilhação e de exploração sexual na zona de guerra por homens que lutaram ao seu lado.

Os autores seguem enumerando uma série de casos de crime de estupro cometidos por vários outros jogadores de futebol ao redor do mundo, além dos casos dos jogadores brasileiros famosos já acusados e condenados Robinho e Daniel Alves. “A memória coletiva da dominação masculina no futebol” tem gerado uma atmosfera hostil para as mulheres e a citação de Aparecida Gonçalves, especialista em enfrentamento à violência contra a mulher, é crucial posto que “a violência sexual é a mais cruel forma de violência depois do homicídio, porque é a apropriação do corpo da mulher”! Ressaltam os autores que além da segurança e da dignidade das vítimas serem postas em risco, os efeitos nas esferas física e mental, a curto e a longo prazo, são devastadores.

Segue no próximo tópico “A memória resgatada pelas paixões do medo e da dor” a análise dos discursos das vítimas, duas mulheres que foram violentadas pelos jogadores Robinho e Daniel Alves. Claudiane e Neilton ressaltam que no âmbito do futebol e do universo das figuras representativas desse esporte, a “cultura do estupro” tem sido uma pauta recorrente e que o medo da violência de gênero tem atacado o espaço psicológico das pessoas, em especial, das mulheres, adentrando o medo às mentes e às memórias individuais de forma concreta e, nesses casos, segundo Ferreira, o medo não aparece apenas como o “pai da invenção”, ele é concretizado na memória por meio de lembranças e retroação. É pungente e inquietante o pensamento do professor doutor e coordenador do curso de pós-graduação da PUC-SP, Luiz Antônio Ferreira, considerado uma sumidade em estudos e pesquisa retórica no Brasil e no Exterior, ao dizer ainda que “o ser humano é constituído por um medo adâmico, pois ele ocupa uma categoria ontológica e psicológica no ser humano. Nessas condições, podemos questionar como a “cultura” do estupro impõe uma ameaça e o temor aos semelhantes, e atinge a integridade humana. O sexo masculino, portanto, passa a ser temido, em virtude da recorrência desses crimes”.

Essa triste realidade nos remete imediatamente às paixões aristotélicas tão apropriadamente apresentadas em que Santos e Melo expõem a ênfase de Aristóteles (2015) que admite a existência das paixões, e só as condena em razão de seus excessos. Em *Ética a Nicômaco*, ele nos diz: “Por paixões entendo os apetites, a cólera, o medo, a audácia, a inveja, a alegria, a amizade, o ódio, o desejo, a emulação, a compaixão, e em geral os sentimentos que são acompanhados de prazer ou dor”. Em sua *Retórica das paixões*, dentre as múltiplas paixões que permeiam a vida humana, o estagirita dá ênfase às seguintes: cólera, calma, tranquilidade, amor, ódio, segurança, temor, vergonha, impudência, favor, compaixão, indignação, inveja, emulação e desprezo. Os pesquisadores ressaltam que dentro de uma concepção aristotélica, devemos temer os injustos, os dissimulados e os velhacos. Além disso, hodiernamente, podemos temer os seres assediadores e os estupradores. Para Aristóteles (2000), “são temíveis aquelas coisas que parecem possuir grande capacidade de arruinar, ou de causar danos que levam a grande desgosto”. O temor, nesses casos, não pode nos invisibilizar e paralisar, pelo contrário, é preciso somarmos forças para que esses crimes sejam julgados e que se alcancem o avanço do respeito e a valorização da vida humana como instrumentos de civilidade.

No último item antes das considerações finais, “Nas lentes da dor: memórias de mulheres violentadas”, nos excertos dos discursos das vítimas, as vozes das mulheres violentadas e que não quiseram se identificar (o que pode ser entendido como medida de proteção e/ou estar associado à vergonha) mas participaram de todas as audiências, expõem algumas paixões que são mencionadas explicitamente como medo, dor, raiva e ódio, acompanhados de um “sofrimento intenso”. Os autores fazem uma análise abrangente, delicada e dolorosa sobre esse sofrimento contínuo, profundo, inesquecível e necessário de ser sublimado. Mas chama a atenção um “pedido de socorro”, um clamor por justiça, um chamamento à luta: “mulheres, denunciem”!

É por meio dos recursos retóricos da *Inventio*, *Dispositio* e *Elocutio*, da concepção de memória retórico-argumentativa e presentes nas análises dos discursos das mulheres sexualmente violentadas, que os autores percebem e demonstram as estratégias persuasivas que visam a adesão acerca de uma determinada tese **“Não podemos mais aceitar o machismo estrutural enraizado na cultura e considerar essas atitudes comuns. Esse não é um comportamento aceitável, normal e não pode mais ser tolerado.**

Estupradores agem independentemente de lugar, classe social, roupa, circunstância ou horário e que, enquanto esse não for um crime discutido e combatido, jamais as mulheres terão seus direitos garantidos. O estupro está enraizado nos alicerces machistas e patriarcais de nossa formação como povo e precisa ser compreendido e confrontado sem preconceitos.

Ler sobre os casos é chocante. Acompanhar os depoimentos dos abusadores é revoltante. O tema abordado é incômodo e dolorido, mas quanto mais debatido, mais próximos estaremos do problema COMEÇAR a ser solucionado, não dá para fingir que não está acontecendo.